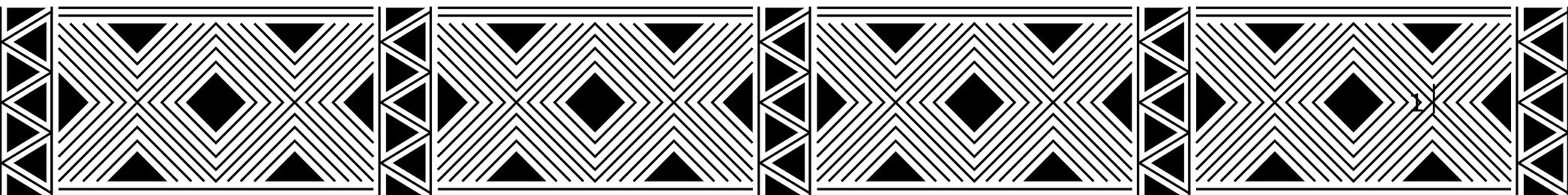


Regularidades morfológicas na língua kipeá

Edson Saturnino Franquilei Pereira



Regularidades morfológicas na língua kipeá

Edson Saturnino Franquilei Pereira

Regularidades morfológicas na língua kipeá

Araraquara
Letraria
2021

Regularidades morfológicas na língua kipeá

PROJETO EDITORIAL

Letraria

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Letraria

CAPA

Letraria

REVISÃO

Letraria

PEREIRA, Edson Saturnino Franquilei. **Regularidades morfológicas na língua kipeá**. Araraquara: Letraria, 2021.

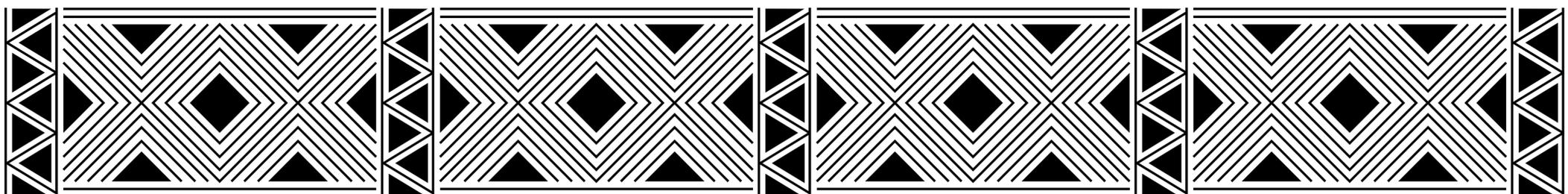
ISBN: 978-65-86562-77-4

1. Morfologia. 2. Índices pessoais. 3. Substantivos.
4. Língua kipeá.

CDD: 410 – Linguística

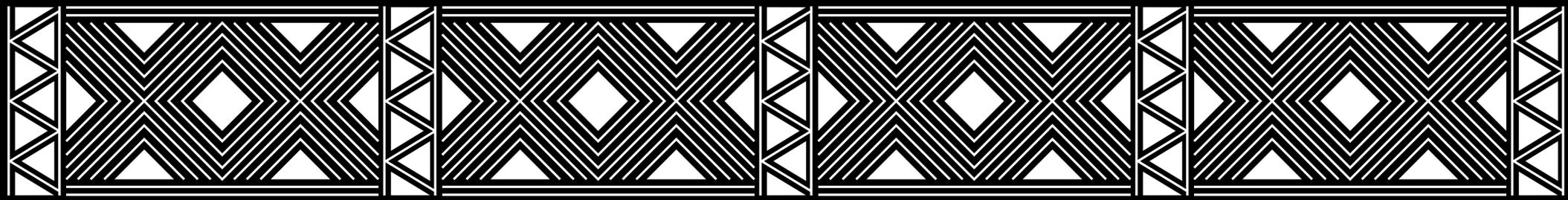
O texto aqui publicado é de inteira responsabilidade de seu autor.

Esta obra ou parte dela não pode ser reproduzida por qualquer meio, sem autorização escrita do autor.

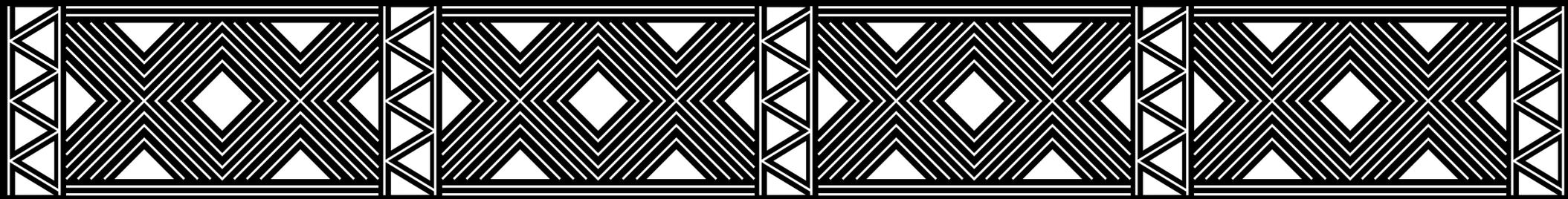


SUMÁRIO

1. Introdução	6
1.1 O povo Kiriri e a língua kipeá	7
1.2 Considerações fonéticas da língua kipeá	9
1.3 Divisão do trabalho	
2. O que são os índices pessoais	12
3. Conclusão	27
Referências	29
Sobre o autor	32



1 . Introdução



1.1 O povo Kiriri e a língua kipeá

Os Kiriris, originalmente o povo a quem pertencia a língua kipeá, são um povo indígena que habita atualmente o nordeste do estado da Bahia. A sua reserva indígena se situa entre os municípios de Banzaê e Quijingue. Segundo o censo de 2010, cerca de 3.000 índios habitavam a reserva¹; em 2019, estima-se que este número esteja em torno de 5.000 indígenas divididos em 14 aldeias, na reserva². No entanto, no passado, o povo Kiriri pertencia a uma nação grandiosa, os Kariris, que se estendia do município Paraguaçu, no Ceará, ao município Itapicuru, na Bahia, além de abranger todo o interior do norte e do nordeste da Bahia, ocupando assim toda a margem direita do rio São Francisco.

O povo Kiriri é conhecido pela sua resistência no sertão, pois enfrentou e enfrenta muitas adversidades e, apesar de tudo, ainda continua vivo enquanto etnia. Hoje é uma etnia de reconstrução e reafirmação; em sua história sofrida, encontramos muitas perdas: do território, da sua identidade cultural e da sua própria língua.

O próprio gentílico Kiriri não é oriundo de sua língua, o kipeá, mas do tupi, cujo povo falante desta outra língua habitava o litoral brasileiro no período colonial, resultado do monopólio existente nos estudos da época chamada de Língua Geral³. Quando os portugueses saíram do litoral e adentraram no interior da Bahia, se deram conta de uma nova nação e pediram referências justamente aos tupis que tratavam os povos do interior como kiriri, que significa “calados, taciturnos, tristonhos”, fazendo referência às características deste mesmo povo.

A história da colonização fez com que uma grande nação fosse reduzida a um pequeno povo habitando pequenos povoados (aldeamentos) que rapidamente transformou as palhoças e ocas em aldeamentos batizados de “Saco dos Morcegos”, “Gado Velhaco”, “Pau dos Ferros”, “Marcação”. Com o passar do tempo, esses aldeamentos foram sendo ocupados por colonos não índios, os escravizando e os forçando a trabalhar nas plantações de cana-de-açúcar e de outras culturas vegetais. Por causa disto, os índios fugiram para outras localidades.

Forçados a trabalhar, muitos destes índios foram atrás de Antonio Conselheiro, líder religioso, que com seu ideário salvador, de uma terra onde corre leite e mel, infelizmente os levou para guerra de Canudos, que culminou na morte de grande parte dos índios Kiriris e de seus líderes.

1 Informações obtidas através do *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, IBGE, segundo o último censo, de 2010, através da seguinte página: <http://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigenas/povos-etnias.html>

2 Para estes dados referentes a 2019 não existe nenhuma pesquisa, somente informações obtidas pelas lideranças locais neste mesmo ano. As aldeias na qual estão divididos os indígenas na reserva são: Mirandela, Marcação, Araçá, Baixa da Cangalha, Baixa do Juá, Pau Ferro, Cacimba Seca, Gado Velhaco, Alta da Boa Vista, Pitomba, Canta Galo, Segredo, Cajazeiras e Lagoa Grande.

3 Língua Geral era a língua franca do Brasil colônia de base tupi, também denominada de Abneenga (língua dos humanos), ou nhengaatu (língua boa), em contraste com todas as outras línguas tidas como “tapuias”, este também vocábulo de origem tupi que significa “inimigos”; as línguas das famílias kariri eram designadas nesta época como línguas tapuias (cf: LEITE; FRANCHETTO, 2006).

Acredita-se que a língua kipeá, com a perda de grande parte da população kiriri, tenha sido extinta nesta época.

Os poucos índios que ficaram trabalhando como escravos começaram uma revolução silenciosa que culminou, alguns séculos adiante, em um conflito entre índios e não-índios. Em 1974, 134 Kiriris fizeram uma caravana até a área da reserva indígena dos Tuxás e reaprenderam com eles o ritual do toré, ritual este que havia se perdido por causa de anos de convívio com os não-índios. Voltaram à aldeia Saco dos Morcegos e reivindicaram sua terra, começando a viver lado a lado com o não índio até que, em 1990, o território tido como sagrado para os kiriris foi homologado como reserva indígena e a aldeia Saco dos Morcegos se tornou aldeia Mirandela, exatamente o centro de todo território Kiriri. A partir de 1995, os não-índios passaram a deixar aos poucos a aldeia, marcando, assim, a retomada do território Kiriri em 11 de novembro desse mesmo ano.

Retomaram sua terra, reaprenderam seus rituais antigos, sendo o mais importante deles o ritual do toré, reintroduziram os “encantos” (conjuntos de crenças nos encantados, entidades existentes como personificação da natureza) e com a língua não é diferente. Apesar de não falarem mais a própria língua, de conhecerem somente palavras soltas legadas de pais para filhos, existe um esforço muito grande para que ao menos estas palavras continuem existindo, nas escolas indígenas, nas aulas de línguas estrangeiras, aprendem estas palavras da língua kipeá como disciplina obrigatória; também adaptaram no ritual do toré palavras da língua.

A língua kipeá, falada pelo antigo povo Kiriri, juntamente com o *kamuru* (*Kariri Pedra Branca*), *sabujá*, *dzubucuí* é um dos quatro dialetos de uma pequena família linguística denominada “kariri”, hoje todas extintas, não mais faladas por nenhum povo.

A família linguística kariri é o único grupo linguístico não Tupi-Guarani que teve línguas descritas durante todo o período colonial. Do *sabujá* e o *kamuru* temos uma lista de palavras publicadas por Carl Friedrich P. Martius em seu “*Beiträge zur Ethnografie und Sprachenkunde Ameria’s zumal Brasiliens*”, datada em 1867. Apesar de ainda fazer a divisão entre Abneenga e a língua falada pelos tapuias, estas palavras são as únicas restantes do *sabuja* e o *kamuru*.

Com relação ao kipeá e ao *dzubucuí*, há alguns documentos publicados entre o final do século XVII e início do século XVIII. Para o *Dzubucuí*, temos um catecismo denominado: *Katecismo índico da lingua karirís*, publicado em 1709, produzida pelo jesuíta francês Bernardo de Nantes.

Para o kipeá, temos uma gramática produzida por um padre jesuíta italiano, Luiz Vicencio Mamiani, datada de 1699, com uma rica descrição da língua kipeá chamada por Mamiani de língua “Brazilica” Kiriri. O mesmo padre, alguns anos antes, em 1697, publicou um catecismo

nesta mesma língua. O primeiro livro visa ensinar para outros missionários a língua kipeá e o segundo livro visa catequizar os índios. Apesar das intenções visarem claramente o dominador, o colonizador e não uma descrição da língua pela própria língua, são registros ricos em detalhes de léxico, da fonética e da sintaxe da língua.

O catecismo kiriri é um catecismo dialogado, com perguntas e respostas, muito comum como texto literário da época, já que o objetivo não era ensinar o não índio, mas mostrar ao índio a religião europeia. e então, não levava em conta a vida, o contexto do índio e seus hábitos. Por conta disso, podemos perceber claras influências dos dominados, com, por exemplo, “tupã” como tradução para “Deus”, a palavra “varé” para “padre”, a palavra “caraíba” para “homem branco”, entre outras, contidas tanto no catecismo e na gramática, mas que não fazem parte da língua kipeá e foram introduzidas do tupi nesta língua com o intuito de fazer sentido à religião e à cultura europeia.

Outros estudos da língua kipeá apresentam grande importância na época e hoje, como uma gramática comparada dos quatro dialetos da família linguística Kariri, escrita pelo francês “Lucien Adam” de 1897; uma comparação fonética e gramatical entre o Kipeá e o Tupi, escrita por Batista Gaetano Nogueira, bibliotecário da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, como prefácio da segunda edição da *Arte da Gramática da língua kiriri de Mamiani*, de 1877; um estudo de algumas declinações pelo americano Thomas W. Larsen intitulado “Case Marking and Subjecthood in kipeá kiriri”, de 1984, e alguns artigos do professor Aryon Dall’ Igna Rodrigues.

Apesar destes trabalhos desenvolvidos e em desenvolvimento da língua kipeá, ainda faltam estudos que possibilitem o reavivamento ou retomada desta língua. Na falta destes estudos profundos, este texto sobre os índices pessoais em kipeá se insere não como solução dos problemas, mas como um pontapé, mais uma alternativa de consulta para quem quiser entender, conhecer e começar os seus estudos na língua, observando em um caso específico (neste caso, o dos índices pessoais) como a língua se comporta. Tem como objetivo também, além de celebrar o ano Internacional das línguas indígenas (2019), incentivar e motivar estudos linguísticos de línguas minoritárias ameaçadas de extinção.

1.2 Considerações fonéticas da língua kipeá

O principal material consultado para elaboração deste texto trata-se de uma gramática de 1699, feita muito antes do surgimento da linguística como disciplina autônoma e do alfabeto fonético internacional. Por se tratar de uma gramática nos moldes da latina, feita por um padre que tem como língua originária o italiano, escrita em português arcaico, considerei confusa para estudo a maneira como ele apresenta a fonética da língua kipeá. No intuito de tornar este trabalho mais compreensível, fiz uma atualização de alguns dados fonéticos levando em

conta dados de campo. Em minhas visitas às aldeias, pude observar, de cunho perceptual, o som de algumas palavras que ainda são utilizadas e a interpretação da própria gramática de Mamiani (1699)⁴.

Começando pelas vogais, são as mesmas do português com exceção do “æ” e do “y” (com acento circunflexo). No primeiro, eu mantive o mesmo símbolo utilizado na gramática, por entender que se trata do mesmo som referente ao alfabeto fonético internacional; no segundo símbolo, substituí por “ɨ” (i central do alfabeto fonético internacional)⁵.

Lembro que o “d” se pronuncia “tão brandamente que apenas se conhece, como nas palavras: ide, mãe; udje, legumes” (gramática).

Na gramática, o “g” seguido de “h” é sempre velar quando vem acompanhado de “e”, “i” e “y” (com acento circunflexo). Desta maneira, como no português atual, substituí o “h” pelo “u”, lembrando que o “y” (com acento circunflexo) foi substituído por “ɨ”.

O “h” entendo utilizando com exemplo no trabalho de campo palavras que ainda sobrevivem na língua, com som fricativo velar surdo; exceto quando segue ao “c” e ao “n”, em que mantive a mesma representação da gramática e do nosso português atual ex: cha, che, nha, nhe⁶.

Advirto que o “r” nunca é fricativo velar, já que esta função é a do “h”, mas sim tepe alveolar.

Troquei o “w” pelo “v”, por entender que padre Mamiani (1699) quis mostrar um tepe bilabial vozeado⁷.

O “y” substituí pela africada vozeada “dʒ” por entender que era este o som que quis mostrar ao comparar com o castelhano.

Sabendo que todas as palavras em kipeá tem como sílaba tônica a última, ou seja, todas as palavras são oxítonas, e sabendo da influência da língua italiana que Mamiani (1699) legou à gramática, fiz três alterações diacríticas: substituí todos os acentos graves por acentos agudos; coloquei acento agudo ou circunflexo nas últimas sílabas para nos lembrar que esta é a tônica e, ao introduzir os índices pessoais nos exemplos, índices pessoais que possuem sufixos, mudei o acento gráfico para este (realoquei o acento para a última posição. Por exemplo: *bedzé*, fumo, *kubedzeá*, nosso fumo; note-se que mudei o acento agudo de “e” para o “a” final), justamente para nos lembrar que o índice pessoal agora é quem se torna tônico.

4 Como não se trata de um estudo fonético e fonológico da língua kipeá, mas um estudo de índices pessoais, não substituí todos os símbolos por símbolos alfabeto fonético internacionais; mantive o português como base para o valor alfabético e substituí os que, a meu ver, causariam confusão ou dificultariam a compreensão se não existissem no português ou pelo uso ser diverso.

5 Como referência para a utilização deste símbolo, utilizei o prefácio da segunda edição da gramática em que Baptista Gaetano Nogueira compara palavras da língua kipeá com a língua tupi.

6 Na gramática: “H com as vogais e consoantes sempre é aspiração gutural” (sic).

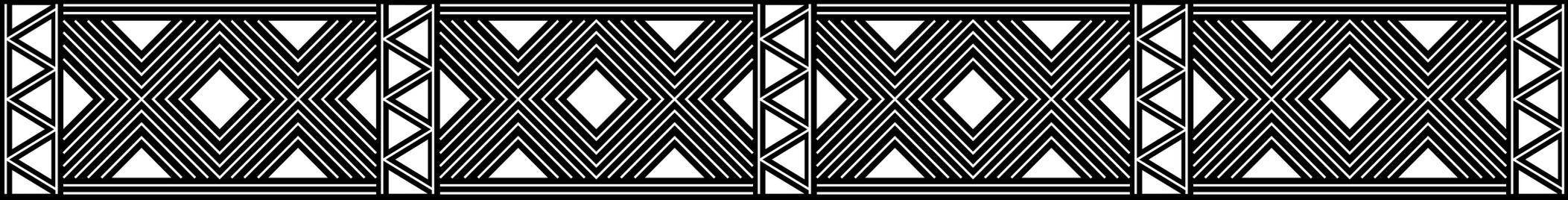
7 Mais uma vez, utilizei o prefácio da segunda edição da gramática em que Baptista Gaetano Nogueira compara palavras da língua kipeá com a língua tupi. Na gramática, “se pronuncia com um som misto de dois vv, dos quais o segundo fica líquido e o primeiro como consoante” (sic).

1.3 Divisão do trabalho

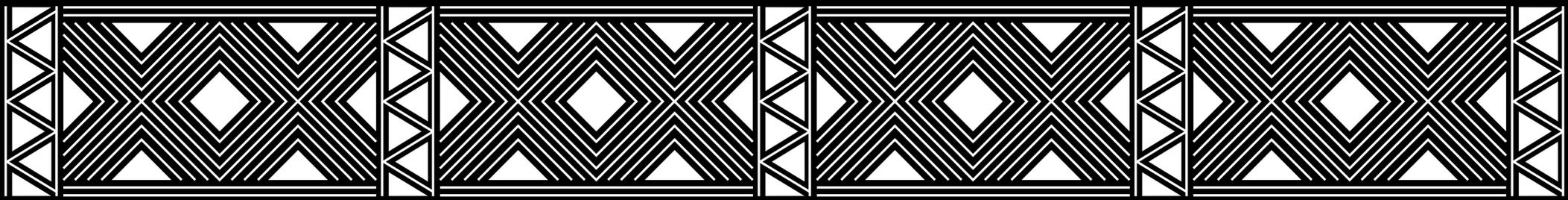
Este trabalho está dividido em três partes: na primeira parte, apresentarei o que são e quais são estes índices pessoais e os respectivos pronomes a que cada um pertence, assim como as 5 classes de índices pessoais apresentadas por Mamiani (1699) na gramática.

Na segunda parte deste trabalho, mostrarei quais substantivos se enquadram em cada classe de índices pessoais, além de uma atualização da tradução destes substantivos para um português mais tangível, mais atual e compreensível.

Por fim, estabelecerei algumas regularidades nos substantivos que, a meu ver, exigem a utilização de certas classes de índices pessoais.



2. O que são os
índices pessoais?



Índices pessoais⁸ em kipeá são afixos, prefixos e sufixos, que substituem os pronomes e se agregam aos verbos, substantivos ou preposições. Com os substantivos se tem a função genitiva ou de posse. Para que entendamos quais são os índices pessoais e como é a sua estrutura diante dos verbos, substantivos e preposições na língua kipeá, precisaremos antes entender quais são os pronomes pessoais que estes índices representam.

Os pronomes pessoais na língua kipeá são sete:

Hietçã – Eu/meu

Evatçã – você/teu

D, di, Du – ele, ela/dele, dela

Hietçãdé – nós/nosso (exclusivo)

Ketçãá⁹ – nós/nosso (inclusivo)

Evatçãá – vocês/de vocês

De, di, du – eles, elas/deles, delas.

Podemos observar que, assim como acontecem em diversas outras línguas indígenas, existem no kipeá dois pronomes para a primeira pessoa do plural, um exclusivo, no qual se exclui a pessoa que se está ouvindo, ex: hietçãdé, nosso, mas não teu; e um pronome para a primeira pessoa do plural inclusiva, ou seja, se inclui a pessoa que está ouvindo, ex: ketçãá, nosso, e também teu.

Existem cinco classes distintas de índices pessoais de acordo com os substantivos, verbos ou preposições, a que eles se agregam. São essas as cinco classes de índices pessoais:

Tabela 1 – Classes dos índices pessoais do kipeá

Pronome Português	Pronome kipeá	Primeira classe	Segunda classe	Terceira classe	Quarta classe	Quinta classe
Eu/meu	Hietçã	Hi	Hi	Hidz	Hi	Dzu
Você/Teu	Evatçã	E	Ed ₃	Edz	E	A
Ele, ela/ Dele, dela	D, di, du	I	S	S	Si	Su

⁸ Utilizo o termo “índice pessoal” em consonância ao trabalho feito pelo francês Adam Lucian, o qual chama estes afixos de “indice Personnel”. Outras denominações são encontradas como “declinações” propostas na gramática pelo padre Mamiani ou “designativos pessoais” proposta por Baptista Gaetano.

⁹ Na bibliografia consultada, os índices pessoais para a primeira pessoa do plural inclusiva apresentam diferença no seu início para quando os substantivos, verbos ou preposições começam com vogais a, o, u utilizando o índice C, e para quando os substantivos começam com as vogais E e I utilizando o índice K. Entendendo que esta diferença ocorre somente por causa da língua portuguesa, utilizei a índice K para que não haja confusão no estudo dos índices para a primeira pessoa do plural inclusivo.

Nós/nosso (exclusivo)	Hietçãdé	Hi...dé	Hi...dá	Hidz...dé	Hi...dé	Dzu...dé
Nós/nosso (inclusivo)	Ketçãá	Ku...á	K...á	K...á	Ku...á	Ku...á
Vocês/de vocês	Evatçãá	E...á	Ed ₃ ...á	Edz...á	E...á	A...á
Eles, elas/ Deles, delas	De, di, du	I...á	S...á	S...á	Si...á	Su...á

Fonte: autoria nossa.

Os índices pessoais, conforme presentes na tabela 1, são anexados aos substantivos, verbos e algumas preposições como nos exemplos a seguir:

O substantivo *pai*¹⁰, em kipeá é *padzú*, pertence à primeira classe de palavras, que seguindo a tabela ficaria:

Hipadzú – meu pai

Epadzú – teu pai

Ipadzú – o pai dele/dela

Hipadzudé – nosso pai, mas não teu pai

Kupadzuá – nosso pai, nosso e teu pai

Epadzuá – o pais de vocês

Ipadzuá – o pai deles, delas

O substantivo *ambé* em kipeá é *pagamento* e pertence à segunda classe de palavras, ficando assim:

Hiambé – meu pagamento

Ed₃ambé – teu pagamento

Sambé – o pagamento dele/dela

Hiambedé – nosso pagamento, mas não teu

Kambeá – nosso pagamento, nosso e teu

Ed₃ambeá – o pagamento de vocês

Sambeá – o pagamento deles

¹⁰ Na maioria dos casos, não nos limitamos a apenas reproduzir a tradução das palavras em kipeá em português, mas procuramos sempre atualizar termos que estão em desuso, ou que não fazem sentido mais; deixamos iguais apenas as traduções que ainda possuem o mesmo significado ou termos em que não encontramos nenhuma similaridade com termos atuais e por isso não achamos um significado.

O substantivo *Ebayá* em kipeá significa *unha* e utiliza a terceira classe de índices pessoais. Com o exemplo ficaria:

Hidzebayá – *minha unha*

Edzebayá – *tua unha*

Sebayá – *a unha dele/dela*

Hidzebayadé – *nossa unha, mas não tua unha*

Kebayaá – *nossa unha, nossa e tua unha*

Edzebayaá – *a unha de vocês*

Sebayaá – *a unha deles/ delas*

O substantivo *baté*, que significa *morada em kipeá*, pertence ao grupo de nomes em que se utiliza a quarta classe de índices pessoais, ficando da seguinte maneira:

Hibaté – *minha morada*

Ebaté – *a tua morada*

Sibaté – *a morada dele/dela*

Hibatedé – *a nossa morada, não tua*

Kubateá – *a nossa morada, nossa e tua*

Ebateá – *a morada de vocês*

Sibateá – *a morada deles/delas*

O substantivo *Biró* em kipeá significa *barriga* e pertence ao grupo de nomes que utiliza a quinta e última classe de índice pessoal.

Dzubiró – *minha barriga*

Abiró – *tua barriga*

Subiró – *a barriga dele/dela*

Dzubirodé – *nossa barriga, mas não tua*

Kubiroá – *nossa barriga, nossa e tua*

Abiroá – *a barriga de vocês*

Subiroá – *a barriga deles/delas*

Vejamos agora os substantivos apresentados na gramática separados por classes de índices pessoais.

Para a primeira classe de índices pessoais, Mamiani apresenta os seguintes exemplos de substantivos:

Tabela 2 – Substantivos para a primeira classe de índices pessoais:

Anhá	Tia
Badzé	Fumo
Bakiribu	Pente
Bacobá	Banana
Badzurú	Grelha
Babæché	Escada
Bæké	Sobrinha
Bæru	Calcanhar
Bætó	Cajado
Be	Beira
Bebá	Fontes da cabeça
Bedzé	Cabo de instrumento
Bedzeri	Cabelo comprido e desgrenhado (“Gadelha” é o termo usado por Mamiani)
Beké	Ferida
Benã	Caco
Beneté	Borda do mato
Benhé	Orelha
Besí	Triste
Bevô	Tronco
Bicó	Estouro
Bidzancró	Cara
Bì	Pé
Bidi	Cinza
Biké	Irmã mais nova
Biræ	Irmão mais novo
Bó	Braço
Bocó	Bolso
Bdzó	Machado
Bu	Espiga
Buangueté	Pecado
Bucrenké	Urucum
Bucupì	Pendão, inflorescência do milho

Bucuté	Cabelo branco
Budevó	Sepultura
Bunhicó	Suor
Buonheté	Bondade
Buró	Casca
Buyenvohó	Corpo
Buyó	Muitos
Cadamisi	Veia
Canguité	Obra boa
Cayê	Manhã
Có	Caroço/irritação na pele
Cobé	Testa
Cohé	Fedorento
Conecá	Nuca
Cotó	Flecha curta, ponta de flecha
Crabú	Peito
Cramemú	Caixa
Crærú	Torrão
Crobecá	Cuia
Crocrá	Seco
Crodí	Robusto
Croné	Nu
Cropobó	Guerra
Croté	Licor denso
Cu	Licor
Cucú	Tio
Cudú	Joelho
Dedenhé	Tia
Dehebá	Cavador
De	Mãe
Denhé	Guarda
Dî	Cabelo
Dú	Piolho
Dubé	Criado/aio
Dzá	Dente
Dzacá	Sogro
Dzedzé	Irmã mais velha
Dzidé	Camerada mulher (não encontramos nenhuma referência para “camerada” nos dias de hoje, por isso mantivemos como apresentado pelo padre jesuíta)

Dzó	Mesinha/chuva
Dzô	Sobrinho
Dzú	Água
E	Carga
Ebedzú	Fonte
Ebeyá	Canela da perna
Hé	Tripas
Hebarú	Tronco de pau
Henandzí	Pedaço de lenha
Hó	Fio
Dzacróró	Anzol
Dzarú	Bolsa em que se coloca flecha
Dzæhé	Sobrinha
Dzantá	Taquara
Kidi	Bolor
Kiechi	Coma
Madzó	Milho assado
Mamá	Mama
Mæna	Paliçada (trincheira com estacas alinhadas)
Me	Oso/jenipapo
Merá	Campo
Meratá	Ferro
Migui	Contas
Um	Raiz
Mucrí	Umbigo
Muhé	Rede de pesca
Muté	Obstrução
Nambi	Nariz
Ne	Pescoço
Nebarú	Ombro
Necá	Coisa guardada
Nhæhi	Resgate
Nhe	Pênis
Nhecará	Fanho
Nheprú	Crista de galo
Nhiké	Avó
Nhú	Menino
Nhuanhá	Sobrinho

Nunú	Língua
Padzú	Pai
Paidenhé	Tio
Padzẽ	Tio
Pævi	Cachimbo
Pepeté	Sola do pé
Picá	Banco
Pité	Rede
Pó	Olho
Pôhô	Vale (lugar)
Ponhé	Desonesto
Popó	Irmão mais velho
Potú	Assustador
Prebú	Cuieté (fruto da cuieira)
Prenhé	Fígado
Pri	Sangue
Purú	Flor
Ræ	Macho
Ró	Vestido
Runhú	Panela
Sá	Gordura
Sadá	Espingarda
Saibó	Sovaco
Sané	Matéria
Se	Senhor/amo
Si	Coração
Sinhã	Sucessor
Sombi	Pendão do milho
Somcó	Urina
Sondé	Testículos
Songá	Penas novas
Tçambú	Cabeça
Tcereró	Gaita
Tcetá	Miolos
Tcetó	Corcunda
Tcihé	Fel
Tçoncá	Ponta
Tçoncupi	Cassetete

Tçõhó	Homem/gente
Te	Sobrinho neto
Tehaté	Flanco
Teipri	Artéria
Teké	Neta
Tenhá	Sobrinha
Tidzehehobó	Relâmpago
Tingui	Canafrecha
Tó	Avô
Tú	Polpa
vanheré	Fazenda
vanhanhubatçã	Repartição
varará	Instrumento musical
varuá	Espelho
vasú	Esquerdo
vó	Caminho
vodó	Bêbado
vodzé	Seco
võ	Perna
vongueré	Pobre
voré	Braço de estrada ou de rio
voró	Costas
vororé	Intérprete

Fonte: autoria nossa

Tabela 3 – Substantivos para a segunda classe de índices pessoais

Anhí	Alma
Ambé	Pagamento
Ambú	Tocaia
Amepré	Por culpa
Amí	Comida
Amprí	Fronteira
Aribá	Prato
Ærã	Folha
Ecrizã	Virilha
Einhé	Notícia
Enkí	Criação
Erá	Casa

Etsami	Parente
Etsōhó	Próximo
Evõ	Rastro
Mará	Cantiga
Misã	Mão
vati	Azedo

Fonte: autoria nossa.

Tabela 4 – Substantivos para a terceira classe de índices pessoais

Ebadzá	Canela (perna)
Ecodó	Suprimento
Ecudú	Juntas do corpo
Eicú	Cuspe
Edzabá	Ombro
Edzemé	Balsa
Ená	Barba
Enæ	Pulso

Fonte: autoria nossa.

Para a quarta classe de índices pessoais, temos todos os substantivos derivados de verbos mais os da tabela seguinte:

Tabela 5 – Substantivos para a quarta classe de índices pessoais

Baté	Morada
Có	Caroço
Dimi	Nódoa

Fonte: autoria nossa.

Para a quinta classe de índices pessoais, temos todos os substantivos começados pela letra “u” mais os seguintes:

Tabela 6 – Substantivos para a quinta classe de índices pessoais

Andzé	Panos velhos/trapos
Aví	Agulhas
Babasité	Espeto
Badá	Instrumento de boca
Badí	Adorno de penas
Bará	Balaio

Bebá	Colar de osso
Biró	Barriga
Bibité	Taco
Boronunú	Escravo/presa
Bubangá	Apanho das sobras dos frutos que ficaram no campo depois da colheita
Bubêhó	Forno/alguidar (vasilha em forma de cone truncado e invertido feita de barro)
Bucunú	Área da mata roçada
Bududú	Guirajao (não encontramos nenhuma referência para “guirajao” nos dias de hoje, por isso mantivemos como apresentado pelo padre jesuíta.
Buibú	Cabaça
Buicú	Flecha
Burehé	Papas
Buruhú	Fuso
Cotó	A comida que se guarda
Cradzoté	Cisterna
Cræ	Sabre largo e curvo
Crenú	Marapirão
Credzá	Assado em covas
Credzahé	Foice
Cró	Pedra
Cronhanhá	Milho cozido
Cunubó	Pó que fica da farinha
Curoté	Colher
Dami	Carga aos ombros
Datú	Coisa pisada
Dedi	Cerca de paus
Dzitú	Corda
Ecuṽõbudzẽ	Céu superior
Eicoré	Escasso
Edzapó	Resíduo de mandioca ralada que fica na peneira
Endi	Algodão
Erú	Ralo de ralar
Ibá	Carro
Ingue	Criança
Inió	Conserto de ferramenta
Dzaridzí	Espora
Dzavó	Gancho
Keité	Jeito
Keitené	Diligente (zeloso, cuidadoso, com rapidez, ativo)

Kibú	Osso da garganta
Kihikí	Peneira
Maibá	Páreas/clara de ovo
Mairú	Farinha de milho fresca
Marã	Inimigo
Mecá	Sinal no corpo
Merebá	Grade feira de varas
Mimicá	Fita
Mité	Genro
Nhupi	Vinho de milho
Nupité	Instrumento de tirar fogo
Pepé	Bola
Pobebá	Bolo
Popongui	Roca de fiar
Pretoré	Mentiroso
Rengué	Marido
Riné	Carne salgada
Ruté	Mulher velha
Sanhicrã	Monte mor de coisas comestíveis
Sasá	Saia de palmeira
Sebi	Cadeiras
Sekiki	Farinha de mandioca
Seridzé	Arco
Setí	Cordão
Setú	Cesto
Tadzú	Dinheiro
Tami	Vara com ferrão para instigar os bois
Tasí	Enxada
Tça	Coisa moída, pisada
Tçuirú	Assobio de rabo de tatu
Tereré	Nome de vários jogos infantis em que há um movimento de rodopiar ou andar a volta de algo
Tinhé	Alcoviteira (pessoas intermediárias em relações amorosas)
Tocracú	Marca de ferro
Torá	Cortesia com o pé
Torarã	Carta/livro
Totongui	Cajado
varandzi	Mesinha
varæró	Beiju

varidzá	Boca
varudú	Bolo de mandioca assado
vereté	Prato para fazer louça
vimá	Abano
virápararã	Engenho de moer
voncuró	Tear
vorubi	Novas
voroyá	Espião

Fonte: autoria nossa.

Quando analisamos os substantivos presentes na primeira classe, podemos claramente perceber que, apesar de se apresentarem em profusão, ou seja, a maioria dos substantivos presentes na gramática de Mamiani se encontra nesta primeira classe, apenas 4 destes começam com vogal, a saber, *anhá* (tia), *e* (*carga*), *ebadzú* (fonte), *ebayá* (*canela da perna*). Não entrarei na discussão se houve erro ou não na captação do *corpus* deste léxico, mas podemos perceber como regularidade que todos começam com consoantes justamente com exceção destes 4 substantivos. Me parece que para estes primeiros índices a maioria dos substantivos de maneira geral deve estar inserida desde que comecem com consoantes e que não tenham nada de especial. Sobre estes 4 substantivos, não encontrei nada que os defira, alguma característica especial que os coloque como substantivos de primeira classe. Percebi que os dois substantivos que começam com a vogal *e* são seguidos por uma oclusiva bilabial sonora (*b*), diferente do que veremos mais adiante em outros substantivos que começam com *e* e que exigem índices pessoais de terceira classe. Como temos apenas dois substantivos, esse dado não é suficiente para que classifiquemos isso como regra e colocaremos apenas como palavras a exceção à regra.

Na segunda classe de palavras, podemos perceber que, com a exceção de três substantivos, *Mará* (cantiga), *Misã* (mão) e *vati* (azedo), todos os substantivos começam por vogais. Podemos perceber uma pequena regra, em que estas vogais fazem uma mudança nos índices pessoais da segunda pessoa do singular e plural (**E** e **E...á** ganha um **Ed₃** se transformando em **Ed₃** e **Ed₃...á** ex: **Ed₃etsami** e **Ed₃etsamiá** ao invés de ***Eetsami** e ***Eetsamiá**); para as terceiras pessoas do singular e plural (**I** e **I...á** se transforma em **S** e **S...á** diante de substantivos com vogais iniciais ex: **Sambé** e **Sambeá** ao invés de ***Iambé** e **Iambeá**); e para a primeira pessoa do plural inclusivo (o **Ku...á** perde o **u** ficando então **K...á** ex: **Kærãá** e não ***kuærãá**). Existe uma pressão fonética que as vogais iniciais dos substantivos impõem a estes índices pessoais que fazem com que eles se transformem. Mesmo nas três exceções, percebemos que a regra se mantém, pois para estas mesmas pessoas, após estes índices pessoais, estes substantivos adquirem a vogal **a**, ex: **Ed₃amará**, **Ed₃amaraá**; **Samisã**, **Samisãá**; e **katí**, **katíá**.

Para a terceira classe de palavras, percebemos que essas são formadas somente de vogais começadas pela letra **E**; não são muitas estas palavras, apenas oito. Para esta classe de palavras, podemos perceber que o “e” inicial dos substantivos exerce uma pressão fonética para os índices pessoais, havendo mudança em todas as pessoas do singular e do plural. Para a primeira pessoa do singular, o **Hi** ganha um **dz** se transformando em **Hidz**, ex: **Hidzebayá** (minha unha) ao invés de ***Hiebayá**. Para a segunda pessoa do singular, o **E** ganha um **dz** se transformando em **Edz**, ex: **Edzecodó** (o teu suprimento) ao invés de ***Eecodó**. Para a terceira pessoa do singular, o **I** se transforma em **S**, de maneira igual ao que acontece nesta terceira pessoa na segunda classe de palavras, ex: **Secudú** (as juntas do corpo dele) ao invés de ***Iecudú**¹¹. Para a primeira pessoa do plural exclusivo, o **Hi...dé** se transforma em **Hidz...dé**, ex: **Hidzeicudé** (nosso cuspe, nosso e não o teu) ao invés de ***Hieicudé**. Na primeira pessoa do plural inclusiva, a mudança deste índice é a mesma que ocorre na segunda classe de palavras, ex: **Keyabaá** (nosso ombro, nosso e teu) ao invés de ***Kueyabaá**. O **E...á** se transforma em **Edz...á** para a segunda pessoa do plural, ex: **Edzenaá** (a barba de vocês) ao invés de ***Eenaá**. E por fim, para a terceira pessoa do plural, o **I...á** se transforma em **S...á**, ex: **Senæá** (o pulso deles/delas) ao invés de ***Ienæá**¹².

Na gramática de padre Mamiani para a quarta classe de palavras, ele já coloca como regra que substantivos derivados de verbos se inserem nesta classe, com exceção destas três palavras: *Baté* (morada), *Có* (irritação na pele) e *Dimi* (nódoa). Para esta classe, só há diferença nos índices pessoais nas terceiras pessoas do singular e no plural, em que respectivamente o **I** e o **I...á** se transformam em **Si** e **Si...á**, ex: **Sibaté** (a morada dele/dela) ao invés de ***Ibaté**, e **Sibateá** (a morada deles/delas) ao invés de ***Ibateá**. De maneira diferente como ocorrem nos outros casos, não temos uma pressão fonética dos substantivos para a mudança de índices pessoais, mas temos aqui uma pressão semântica para a mudança deste índice pessoal para esta pessoa. Na gramática de padre Mamiani faltam exemplos de substantivos deverbais para uma melhor análise desta mudança de índices pessoais para estas pessoas; ele só diz que para esta classe isto acontece.

Na quinta e última classe de palavras, além de todas as palavras que se apresentam na lista, estão também como regra todas as palavras que começam por “u”, como explica Mamiani. No entanto, percebi que nestes substantivos listados também se encontram palavras que começam com a letra “i”. É interessante notar que mesmo os substantivos classificados na segunda classe de palavras, que são palavras que começam com vogais, não possuem nenhuma vogal que

11 Padre Mamiani na gramática diz que, para terceira pessoa da terceira classe, o índice é Se e que perde o e por não encontrar muito sentido deste. Então, coloquei neste índice somente o S.

12 Na mesma maneira que ocorre na terceira pessoa do singular, em que Padre Mamiani na gramática diz que o índice pessoal é Se, mas perde o e, preferi colocar como índice pessoal somente o S, já que compreendo que o e neste índice pessoal é resultante somente destas classes de palavras que começam com a vogal e.

comece com as letras “u” ou “i”. Para esta quinta classe de palavras, podemos novamente ver uma pressão fonética impondo uma mudança nos índices pessoais de todas as pessoas (exceto para a primeira pessoa do plural inclusiva) em que vogais fechadas provocam estas mudanças nos índices. Vale lembrar que, para os substantivos que começam com a vogal “u” ou “i”, eles perdem o “u” ou “i” inicial em substituição do índice para esta classe específica. De maneira geral, as mudanças nos índices pessoais para esta classe de palavras são as seguintes: de **Hi** para **Dzu**, na primeira pessoa do singular; de **E** para **A** na segunda pessoa do singular; de **I** para **Su** na terceira pessoa do singular; de **Hi...dé** para **Dzu...dé** na primeira pessoa do plural exclusiva; para a primeira pessoa do plural inclusiva se mantém a primeira classe; de **E...á** para **A...á** na segunda pessoa do plural; e de **I...á** para **Su...á** na terceira pessoa do plural. Veremos agora, para melhor entender, exemplos dos índices pessoais para os substantivos destas classes de palavras, um com a vogal inicial “u”, outro com o “i” inicial e outro sem as vogais iniciais antes citadas:

U vó (cunhado)

Dzuvó (Meu cunhado)

Avó (teu cunhado)

Suvó (Cunhado dele/dela)

Dzuvodé (nosso cunhado, nosso, não teu)

Kuvóá (nosso cunhado, nosso e teu)

Avóá (o cunhado de vocês)

Suvóá (o cunhado deles/delas)

Biró (barriga)

Dzubiró (minha barriga)

Abiró (tua barriga)

Subiró (barriga dele/dela)

Dzubirodé (nosso barriga, nossa, não tua)

Kubiroá (nossa barriga, nossa e tua)

Abiroá (a barriga de vocês)

Subiroá (a barriga deles/delas)

Isú (fogo)

Dzusu (meu fogo)

Asu (teu fogo)

Susu (o fogo dele/dela)

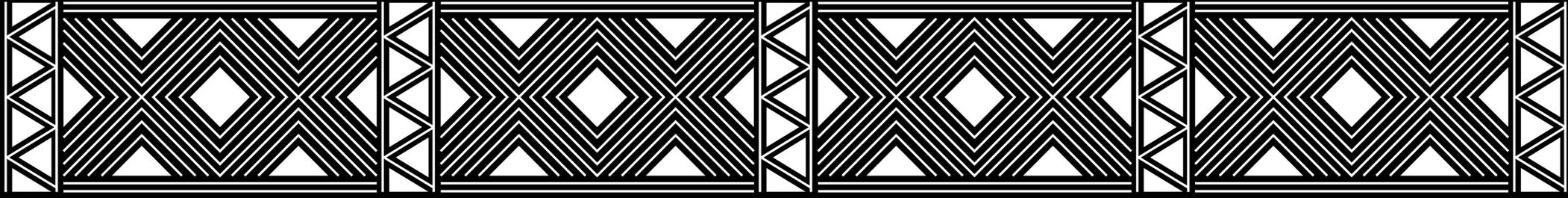
Dzusundé (nosso fogo, nosso, não teu)

Kusuá (nosso fogo, nosso e teu)

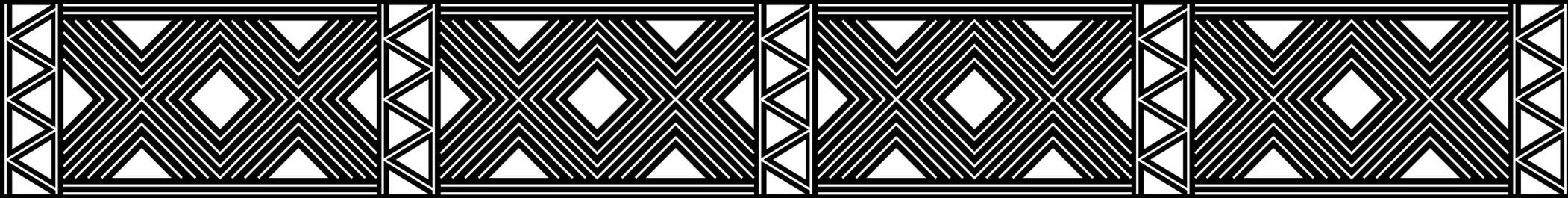
Asuá (o fogo de vocês)

Susuá (o fogo deles/delas)

Já nas outras palavras listadas e classificadas como utilizadores destes índices pessoais não encontrei nada que as classificasse ou diferenciasse, nem em sua fonética, nem em sua semântica.



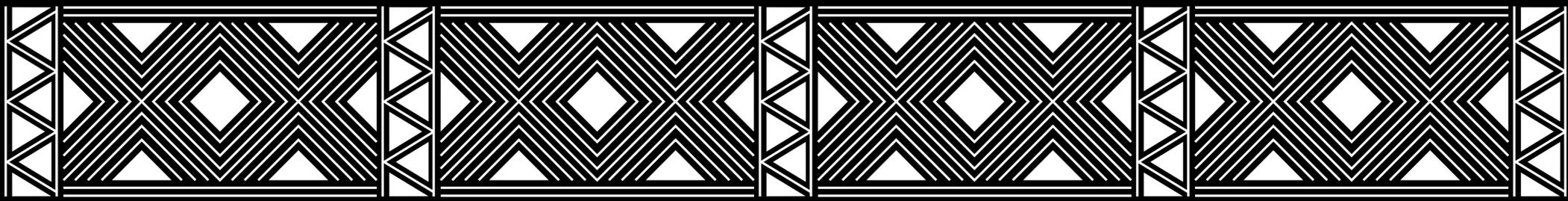
3. Conclusão



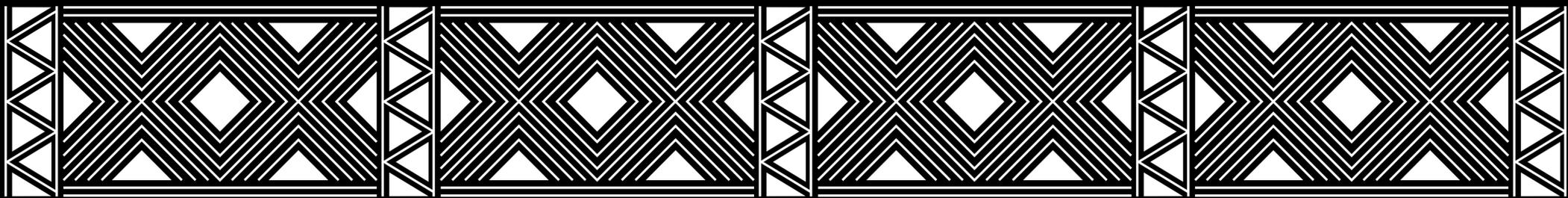
Podemos concluir que, de maneira geral, apesar de a gramática elaborada pelo padre Mamiani apresentar estes índices, “declinações”, como arbitrários, ou apresentarem mudanças ao acaso, percebemos, com os poucos dados que temos, que existe sim uma regra e uma regularidade para a utilização de um ou outro índice pessoal para grande parte dos substantivos.

Notamos que a maioria dos substantivos apresentados pelo padre Mamiani se encaixa nas duas primeiras classes de índices pessoais; se os substantivos são começados por consoantes, eles utilizam a primeira classe de índices e se começados por vogal, utilizam a segunda classe de índices. Para substantivos começados por “e”, pede-se a utilização da terceira classe de índices. Com substantivos deverbais, devemos usar a quarta classe de índices pessoais e, por fim, com vogais fechadas como o “i” e o “u”, pede-se a utilização da quinta classe de índices pessoais.

Acredito que os casos fora destas regras para a utilização destes índices pessoais sem exceções, como existentes em todas as línguas pelo fato de desconhecermos a história da língua, nos impede de ir a fundo nestas análises. Lembro que, na literatura consultada, não foi encontrado, além da descrição, nada que fale em regras da utilização destes índices pessoais, sendo somente uma suposição pela observação dos dados analisados.



Referências



AZEVEDO, Gilda Maria Correa de. *Língua Karirí: descrição do dialeto Kipeá*. 1965. Tese (Mestrado em Letras) - Instituto Central de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 1965. Disponível em: <https://bit.ly/3DlaX6y>. Acesso em: 30 ago. 2021.

BANDEIRA, Maria de Lourdes. *Os Karirís de Mirandela: um grupo indígena integrado*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1972.

CARDIM, Fernão. *Tratados da terra e gente do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. v. 5. Rio de Janeiro/Lisboa, 1975.

LEITE, Yonne; FRANCHETTO, Bruna. “500 anos de línguas indígenas no Brasil”. In: CARDOSO, Suzana A. M.; MOTA, Jacyra A.; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (org.). *Quinhentos Anos de História Lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

LUCIEN, Adam. *Materieux pour servir à etablissement d'une Grammaire compareé des dialectes de la famille kariri*. Paris: Libraire éditeur, 1897.

MAMIANI, Luis Vincencio. *Catecismo da doutrina christaa na língua brasilica da nação Kiriri*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1698.

MAMIANI, Luiz Vincencio. *Arte de grammatica da lingua brazilica da nação Kiriri*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bibliotheca Nacional, 1877. (Primeira edição: Lisboa, 1699).

MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. *Beiträge zur Ethnographie und Sprachenkunde Amerika's zumal Brasiliens*. v. 2. Leipzig. 1867.

MEADER, Robert. *Índios do Nordeste: levantamento sobre os remanescentes tribais do Nordeste brasileiro*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1978.

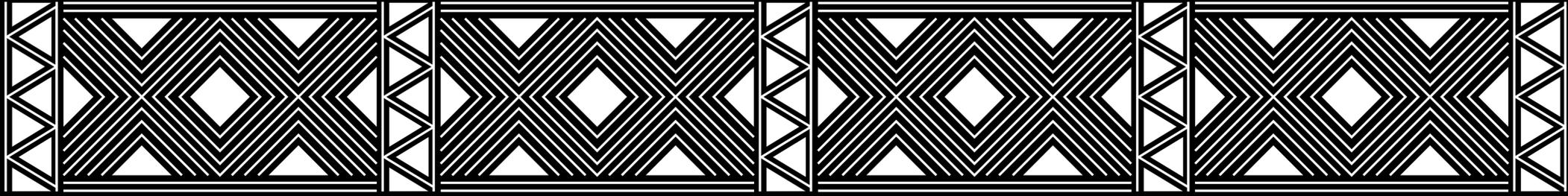
NANTES, Bernardo de. *Katecismo indico da lingua Karirís*. Lisboa, 1709. (Edição fac-símile publicada por J. Platzmann, Leipzig, 1896).

RODRIGUES, Aryon D. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. *Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 83-103, 1993a.

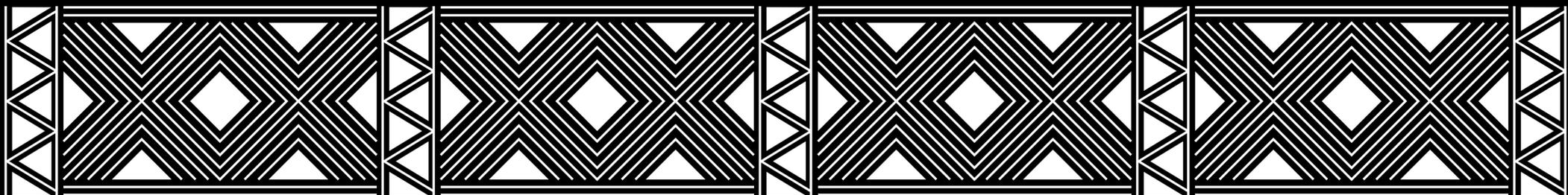
RODRIGUES, Aryon D. Um marcador Macro-Jê de posse alienável. *Anais da 44^a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência*, 386. São Paulo, 1993b.

RODRIGUES, Aryon D. Classificação nominal em Karirí. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica*, v. 6, n. 1, p. 2169–2178, 2014. DOI: <https://doi.org/10.26512/rbla.v6i1.21055>

SILVA, T. C. *Fonética e fonologia do Português*. São Paulo: Contexto, 1999.



Sobre o autor



Mestrando em linguística e língua portuguesa (início em março de 2020) pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), *campus* de Araraquara onde desenvolve pesquisa na área de fonética e fonologia. Graduado em Filosofia - Bacharelado (2013) pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e graduando em letras (início em março de 2020) pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP). Desde 2020, é membro do Grupo de Pesquisa de Línguas Indígenas Brasileiras (LINBRA), coordenado pela Professora Doutora Cristina Martins Fargetti. Tem interesse na Filosofia em fenomenologia, epistemologia e filosofia da linguagem e na linguística em análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática e línguas minoritárias (indígenas).

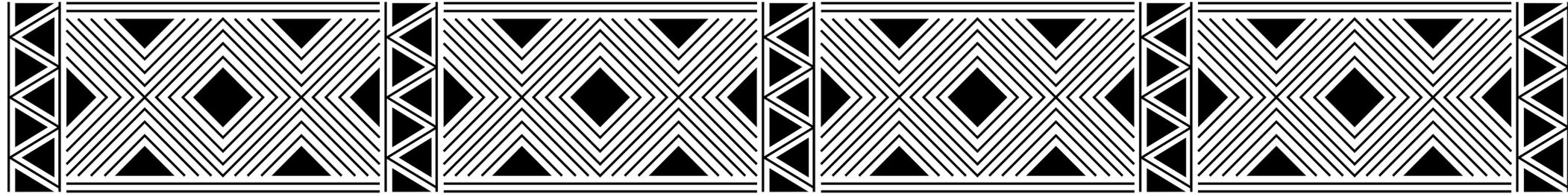
Contato: edson.saturnino@yahoo.com.br



Publique seu e-book com a gente!

 **Letraria**[®]





 Letraria[®]

